

José Valdir Teixeira Braga Filho¹

Universidade de São Paulo

Resumo

Este ensaio buscar problematizar a concepção de história ideal eterna na *Scienza Nuova*, (1744), de Giambattista Vico (1688 – 1744), com o propósito de explicitar a orientação ética e política da proposta viquiana. Segundo Vico, a história humana segue um percurso de três idades: idade dos deuses, dos heróis e dos homens na qual transcorreu a história do mundo das nações. O que legitima tal distinção, no entender de Vico é a forma de organização da vida coletiva, algo que determina, em certo sentido, a natureza humana. Por essa razão, é necessário problematizar a relação entre política e história no interior do pensamento de Vico. No presente trabalho, adota-se como hipótese interpretativa a ideia de Vico de que com base na linguagem, o ser humano constitui à sua maneira sua forma de viver. Nesta comunicação consideram-se como fontes bibliográfica principal, a três edições da obra em questão (1725, 1730, 1744) por possibilitarem compreender desde o início a elaboração viquiana de uma história ideal eterna.

Palavras-chave: História. Política. Ciência Nova.

Abstract

This essay seeks to problematize the conception of eternal ideal history in *Scienza Nuova*, (1744), by Giambattista Vico (1688 – 1744), with the purpose of explaining the ethical and political orientation of Vico's proposal. According to Vico, human history follows a course of three ages: the age of gods, heroes and men in which the history of the world of nations took place. What legitimizes such a distinction, in Vico's perspective, is the form of organization of collective life that determines, in a certain sense, the human nature. For this reason, it is necessary to problematize the relationship between politics and history within Vico's thought. In the present work, Vico's idea is adopted as an interpretative hypothesis that, based on language, human beings constitute, in their own way, their way of living. In this communication, the three editions of the work in question (1725, 1730, 1744) are considered as the main bibliographical sources, as they make it possible to understand, from the beginning, the viquian elaboration of an ideal eternal history.

Keywords: History. Politics. New Science.

¹ Doutorando em Filosofia Política e Ética pela Universidade de São Paulo. Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e Mestre em Filosofia Política e Ética pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: valdirdrummer@gmail.com

I

Se quisermos sintetizar a concepção viquiana de *história ideal eterna*, poderíamos denominá-la como a *constante* ocorrência e recorrência de três formas de humanidade no decorrer da história – a *idade dos deuses*, a *idade dos heróis* e a *idade dos homens*. Elas compõem uma parte relevante da arquitetura que o pensamento de Vico (1668 – 1744) amplamente possui². Tal concepção é um indício de sua modernidade ainda que tome como referência Varrão (116 a.C – 43 a.C), escritor da antiguidade latina que a posteridade conheceu por intermédio de Cícero (106 a.C – 43 a.C).

Embora tenha feito uso de uma concepção que se originou na antiguidade romana, Vico buscou uma definição cuja fundamentação atendesse às novas exigências epistemológicas do seu tempo. A história precisava de uma nova metodologia diante das constantes transformações nas ciências naturais. Em vista da sua concepção de *nova ciência*, Vico define que, para cada uma das idades, há um modo específico de conceber o mundo. Cada uma das idades se define em vista das diversas práticas coletivas, como formas de racionalidade, leis, linguagem e, por fim, formas de organizar a vida em comunidade.

Em outros termos, há uma interrelação entre as diversas esferas da vida humana em que os desdobramentos constituem uma forma de entender a problemática da relação história-política. E é em vista desses desdobramentos que tratamos sobre a reflexão do pensador italiano, buscando uma elaborar e desvelar seu posicionamento político. Por ser pouco conhecido na academia brasileira, apresentar alguns traços gerais do pensamento viquiano torna-se um procedimento necessário.

II

De início, vale dizer que a construção conceitual que Vico apresenta na sua *Ciência Nova* evoca uma perplexidade que dificilmente pode passar despercebida. Afinal, estamos tratando de uma obra que apresenta concepções como *lógica poética* e *barbárie da reflexão*,

² Foi um filósofo italiano que, profundamente influenciado pelas tradições clássica e renascentista, pensou ativamente sobre os problemas de ordem prática do seu tempo. Na sua *Vida escrita por si mesmo* (1728 – 1731), narrou em terceira pessoa o curso de seus estudos ao lado de uma apreciação sobre o estatuto cultural da cidade de Nápoles durante os séculos XVII-XVIII. Durante esse período, houve uma ampla adesão ao pensamento de Descartes, amplamente celebrado por disciplinas como física, medicina e matemática. Isso representou um marco significativo na vida intelectual do período: o interesse em relação aos saberes cultivados pelo *humanismo renascentista* enfraqueceu. Nosso autor foi contra essa tendência (VICO, 2017, p. 89-93).

para citar apenas alguns exemplos. Dentre esses conceitos, aquele de *história ideal eterna* pode ser considerado um ponto de ancoragem dentre as múltiplas temáticas abordadas pela obra – como é o caso da discussão sobre a origem de Homero ou aquela sobre a formação e desenvolvimento de práticas coletivas, como o direito e a religião.

Entender como problemas estéticos, políticos e historiográficos estão relacionados demanda um considerável esforço da parte do leitor. Ao contrário do que possa parecer, o conceito de *história ideal eterna* não se trata apenas de uma construção puramente conceitual. Por meio dessa noção, Vico considera um longo processo de desenvolvimento do fazer humano ao abordar conjuntamente a problemática da linguagem com aquela da política. Em vista dessas duas, abre-se a possibilidade para refletir sobre essa dimensão do pensamento viquiano.

Ao perceber a relação entre a linguagem e a organização da vida social, Vico refletiu também sobre a história da mente humana, esforçando-se para uma construção de sentido que não fosse puramente especulativa. Na *Ciência Nova* (1725,1730,1744), ele procurou demonstrar como as transformações da mente humana estão diretamente relacionadas com práticas sociais que se distinguiram ao correr dos séculos.

Isso pode ser considerado um importante ponto de distinção, que releva a especificidade de Vico quando comparado a outros filósofos que refletiram sobre a história como Agostinho (354 – 430) e Maquiavel (1469 – 1527), autores que Vico se aproxima em alguns aspectos e se distancia por outros. Sua metodologia é consideravelmente diversa daquela empregada por Agostinho, embora compartilhe com o autor de *Confissões* a presença de um elemento teológico decisivo no curso da história, como é o caso da providência divina.

Em vista desse elemento teológico, ele se distanciou de Maquiavel, por um lado, conquanto se aproxime dele ao proceder pela via da investigação empírica dos fenômenos políticos – enfrentando o cartesianismo que predominava na sua época. A polêmica em relação ao cartesianismo também é algo relevante para a construção do pensamento de Vico. Em vista dessas características, ele sintetizou posições opostas, de modo a superar o conflito entre os antigos – seguidores da autoridade de Aristóteles (384 a.C – 322 a.C) – e os modernos, influenciados por Descartes (1596 – 1650).

Mas isso não significa que Vico tenha sido eclético, embora tenha versado sobre autores que apresentam teses distintas. Como pensador autoral, Vico apropriou-se delas na construção de sua própria filosofia, tal como foi defendido pelo historiador Peter Burke (1937). Nesse contexto com uma vasta pluralidade de referências e fortemente orientado para a dimensão comunitária da vida humana que a sua percepção de *história ideal eterna* foi gestada. Ela é perpassada por uma ambiguidade que se manteve até a última edição da *Ciência Nova*.

III

Em nota, Jorge Vaz de Carvalho (1955), tradutor da edição portuguesa da *Ciência Nova*, explica que o termo *história ideal eterna* possui uma dupla significância. Por um lado, ela remete às categorias da mente humana na sua sucessão ideal das três idades. Por outro, na ordem empírica³ que os povos sucedem – ainda nas três idades – na organização da vida social. Como o próprio tradutor reconhece, Vico uniu os dois significados, ou “confundiu”. Para o pesquisador, o primeiro dos significados seria legítimo e o segundo ilegítimo⁴. Talvez, por legitimidade, o tradutor se refira à validade da sucessão das três idades, que de fato, possui várias exceções no que concerne a sua dimensão empírica – um limite da sua teoria que o próprio Vico parecia estar advertido.

Se nos é permitido pensar uma alternativa à sugestão de Jorge Vaz de Carvalho, em vez de uma “confusão”, talvez seja possível considerar essa duplicidade de sentidos como fruto do engenho barroco que é característico do pensamento viquiano. Algo que parece ser válido para o conceito de *história ideal eterna*, que não se limita ao plano teórico e se baseia nas manifestações do agir humano e das suas respectivas implicações. Vejamos no §7 da *Ciência Nova* de 1744, onde o conceito foi aludido na primeira vez na edição em questão:

[...] aqui se assinala que, nesta obra, com uma *nova arte crítica*, que até agora tem faltado, entrando na procura da verdade sobre os autores das nações mesmas (nas quais tiveram que decorrer bastante mais de mil anos para poderem surgir os escritores, acerca dos quais a crítica, até agora, se ocupou), a *filosofia* dedica-se aqui a examinar a *filologia* (ou seja, a doutrina de todas as coisas que dependem do arbítrio humano, como são todas as histórias das línguas, dos costumes e dos factos, tanto da paz como da guerra dos povos), a qual, pela sua deplorada obscuridade das causas e quase infinita variedade dos efeitos, teve quase um horror de sobre ela reflectir; e *tradu-la em forma de ciência*, ao revelar nela o desenho de uma *história ideal eterna*, sobre a qual *transcorrem no tempo as histórias de todas as nações* (VICO, 2004, p.8-9. Grifos nossos).

Essa citação revela um momento decisivo da Ciência Nova, pois é aqui que Vico apresenta a sua proposta de nova arte crítica, que consiste na união entre a filologia e a filosofia. Nota-se, aqui, a intenção viquiana de “traduzir em forma de ciência”, todo o universo das coisas humanas que, desde a crítica empreendida por Descartes, não foi considerado um objeto adequado na busca de encontrar um conhecimento “claro e distinto”. Não se trata apenas da história das línguas, mas também da história da cultura, dos acontecimentos históricos e das leis. A proposta de uma nova arte crítica equivale a uma nova proposta

³ A ideia de que há uma confusão na obra de Vico também está presente em Croce. Para Croce, a Ciência Nova contém uma filosofia do espírito, uma filosofia da história e uma filosofia empírica, de tal sorte que o autor napolitano teria “confundido” o primeiro conteúdo e o último em sua obra. (CROCE, 1922, p. 37)

⁴ Ver nota 17 em VICO (2005, p. 9).

metodológica na qual é possível ver a relevância que as fontes não-filosóficas possuem para pensar a própria filosofia.

Por conseguinte, Vico confere a possibilidade da construção de sentido no mundo do humano no qual predomina a contingência contra as certezas dos processos sempre recorrentes do mundo natural. No §349 da *Ciência Nova* de 1744, podemos conferir mais detalhes sobre o conceito viquiano de nova arte crítica e como ela compreende igualmente a sua concepção de história ideal eterna:

Pelo que esta Ciência vem *simultaneamente* a descrever urna história ideal eterna, sobre a qual transcorrem no tempo as histórias de todas as nações nos seus surgimentos, progressos, estados, decadências e fins. Aliás, iremos mesmo mais longe ao afirmar que, enquanto alguém medita esta Ciência, narra a si mesmo esta história ideal eterna, urna vez que - tendo este mundo de nações sido certamente *feito pelos homens* (que é o primeiro princípio indubitado que se colocou aqui acima) e, por isso, *devendo-se descobrir o modo dentro das modificações da nossa própria mente humana* - ele, naquela prova «teve, tem e terá» isso mesmo o faça; porque, *quando acontece que quem faz as coisas é o mesmo que as narra, não pode aí ser mais certa a história*. Assim, esta Ciência procede precisamente como a geometria, que constitui o seu próprio mundo das grandezas, enquanto sobre os seus elementos o constrói ou o contempla; mas com tanta mais realidade quanto mais a têm as ordens referentes aos assuntos dos homens, que não possuem pontos, linhas, superfícies e figuras (VICO, 2005, p.187. Grifos nossos).

Assim, pode-se dizer que, para Vico, é possível conhecer o mundo histórico numa clara oposição ao pensamento cartesiano que, no *Discurso do Método*, criticou abertamente a história em favor da matemática⁵. A razão própria não foi sempre tal qual a conhecemos, os poemas homéricos exemplificam como havia uma outra forma de racionalidade que não coincide com a do discurso filosófico ou científico. São as modificações na linguagem que apresentam as distintas modificações da mente humana e, nesse momento, chegamos a um ponto decisivo: as palavras e seus significados estão diretamente relacionados com formas distintas de organizar a vida coletiva.

IV

Para Vico, cada forma de linguagem demonstra como cada período da história humana possui um universo de significados que lhes é característico. Tal como se pode notar em §432: “a primeira língua hieroglífica, ou seja, sagrada [...] a segunda, simbólica, ou por

⁵ Por essa razão, julgamos impropriedade a tese de Hannah Arendt (1906 – 1975) de que Vico está incluído entre os pensadores modernos que compreenderam os conceitos de história e ciência em vista da categoria de processo. Segundo Arendt (2016, p. 88), tal postura epistemológica gerou uma união indevida entre as categorias de natureza e história.

signos, ou seja, por divisas heroicas; a terceira, epistolar, para os afastados entre si comunicarem as presentes necessidades da sua vida” (VICO, 2005, p.264). Vico definiu que para cada uma destas formas de linguagem, existe uma forma de organização da vida política correspondente, tal como é possível notar no §31:

a idade dos deuses, na qual os homens gentios acreditaram viver sob *governos divinos* [...] a idade dos heróis, na qual por todo o lado esses reinaram em *repúblicas aristocráticas*, devido a uma certa diferença de natureza por eles reputada superior àquela dos seus plebeus; - e, finalmente, a idade dos homens, na qual *todos se reconheceram serem iguais em natureza humana* (VICO, 2005, p.35. Grifos nossos).

Segundo esta perspectiva, a humanidade conheceu a democracia após experimentar uma aristocracia. Um longo processo histórico foi necessário até que os indivíduos pudessem se reconhecer iguais em relação aos outros.⁶ Contudo, há história humana conheceu momentos em que elementos e características de uma idade retorna em outra. Para Vico, a presença dos feudos no período medieval, que eram característicos da antiga aristocracia romana, provam que há uma recorrência entre as três idades.

Ao lado disso, Vico observa uma certa inclinação na poesia ao retratarem temas heroicos e nos costumes com as violentas práticas dos duelos. Esses são elementos políticos, literários e jurídicos que apresentam a analogia entre a antiguidade romana e o período medieval, apesar da considerável distância temporal. Há, pois, uma advertência muito clara da parte de Vico: embora a humanidade pregressa tenha saído de uma aristocracia para uma democracia, não há garantia de que as coisas voltem a ser como era antes. Tal ponto de vista pode ser verificado na seguinte passagem:

mas, sobretudo, admirável é o *retorno* que nesta parte fizeram as coisas humanas, pois nesses tempos divinos recomeçaram os primeiros asilos do mundo antigo, no interior dos quais ouvimos de Tito Lívio que foram fundadas todas as primeiras cidades. Porque - sucedendo-se por toda a parte as violências, as rapinas, os assassínios, pela suprema ferocidade e arrogância daqueles *séculos barbaríssimos*; e (como se disse nas Dignidades) não existindo outro meio eficaz de refrear os homens, desobrigados quer de todas as leis humanas, quer das divinas, ditadas pela religião - naturalmente, pelo *temor* de os homens serem oprimidos e mortos, por serem os mais pacíficos em tanta barbárie, estes iam junto dos bispos e dos abades daqueles séculos violentos, e colocavam-se a si, às suas famílias e aos seus patrimónios sob a protecção daqueles, e assim eram por eles recebidos; sujeições e protecções essas que são os princípios constitutivos dos feudos (VICO, 2005, p.796. Grifos nossos)

É evidente, aqui, a teoria da recorrência das coisas humanas ao lado da ênfase política que essa passagem possui. Existem fatos humanos que não são exclusividade de um passado remoto, podendo reaparecer no curso dos anos. No trecho em questão, Vico apresenta dois:

⁶ O problema da equidade civil está presente nas três edições da Ciência Nova. Para Riccio (2002, p. 21), o surgimento dela na história humana corresponde ao surgimento como o modo propriamente humano de pensar na idade dos homens, que se contrapõe a liberdade ilimitada que, para Vico, é sinal de violência.

o fato de alguns homens se considera superiores em relação aos outros e o fato de que o desfavorecimento obriga que homens se coloquem numa situação de sujeição. O progresso não é garantia de que a vida comunitária seja igualitária. Por isso que, ao concluir a edição de 1730 da *Ciência Nova*, o autor escreveu sobre a importância de que esforços devem ser empreendidos para que a igualmente, uma vez alcançada, seja mantida. Esse pode ser considerado um forte argumento contra a tese do Vico apolítico defendida por Croce (1866 – 1952) e Fausto Nicolini (1879 – 1965)⁷.

Não é forçoso afirmar, juntamente com Vico, que a humanidade corra o risco de deparar-se uma vez mais com aquela barbárie que esteve presente nas suas origens. Não há dúvida de que esse elemento denota a atualidade de seu pensamento, embora a sua concepção de história ideal eterna possa soar estranha à contemporaneidade. De nossa parte, defendemos que tal elemento configura uma válida justificativa para ler Vico no tempo presente. Afinal, é possível ver na atualidade a tendência que acena o retorno de formas de dominação precedentes. A concepção de história ideal eterna também revela como Vico se posicionou diante da disputa entre antigos e modernos no que concerne ao estatuto das ciências. Numa palavra, ele não perdeu de vista uma orientação política que consiste em resguardar a civilidade.

Outra defesa da importância do pensador italiano para os tempos atuais está presente no comentário do historiador Peter Burke, que enfatizou a importância das qualidades retóricas e estilísticas.⁸ De fato, o célebre escritor James Joyce (1883 – 1941) foi muito influenciado por Vico em sua produção literária. Por outro lado, se Hobbs estiver correta, a dimensão retórica do pensamento de Vico não pode ser considerada sem a sua filosofia⁹. Com base nisso, é possível reconhecer que a relevância do pensamento de Vico para a história da filosofia vai para além do lugar comum de que ele foi o percussor de algumas correntes do século XIX.

⁷ Contra a tese do Vico apolítico, Badaloni (1971, p. lviii) sugere que é justamente na reflexão sobre as mudanças sociais ao longo da história humana que reside o aspecto mais relevante do seu pensamento – o que, para ele, tornar-lhe-ia um sugestivo pensador para os críticos da sociedade capitalista que iriam aparecer anos mais tarde.

⁸ Nas palavras do historiador inglês: “Numa época em que a separação entre abordagens literárias e científicas para o entendimento da sociedade está tornando-se um abismo, temos muito a aprender com Vico” (BURKE, 1997, p.21).

⁹ Ao se debruçar sobre o manual de retórica de Vico, Hobbs (2002, p. 79-81) explica que ela sempre está relacionada com a lógica e filosofia. Ao mesmo tempo que é uma lógica da argumentação, também está preocupada com questões cívicas.

Referências

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 8ed. Trad. Br. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

BADALONI, Nicola. Introduzione. In VICO, Giambattista. **Opere Filosofiche**. Firenze: Sansoni, 1971.

BURKE, Peter. **VICO**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CROCE, Benedetto. **La Filosofia di Giambattista Vico**. 2ed. Bari: Laterza, 1922.

FIKER, Raul. **Vico – O precursor**. São Paulo: Moderna, 1994.

HOBBS, Catherine. **Rhetoric on the Margins of Modernity**: Vico, Condillac, Monboddo. Illinois: Illinois University, 2002.

RICCIO, Monica. **Governo dei molti e riflessione collettiva** – Vico e il rapporto tra filosofia e democrazia. Napoli: Alfredo Guida Editore, 2002.

VICO, Giambattista. **Opere Filosofiche**. Firenze: Sansoni, 1971.

VICO, Giambattista. **Ciência Nova (1744)**. Trad. Port. Jorge Vaz de Carvalho. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2005.

VICO, Giambattista. **Vida escrita por si mesmo**. Trad. port. Ana Cláudia Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

Recebido em: 07 de dezembro de 2022.

Aceito em: 24 de novembro de 2023.

ANÑANSI